

## 500 ANOS DE URBANIZACION (OU COMO SE FIZERAM AS CIDADES DA AMERICA)

Amália Inês Gerais de Lemos  
Departamento de Geografia, FFLCH- USP

### 1. ESPAÇO URBANO NOS PRIMEIROS SÉCULOS DA COLONIZAÇÃO

Pensar a noção do espaço urbano nestes 500 anos de urbanização é uma atitude de quereremos chegar ao espaço através do tempo. Ou, melhor ainda, tecer numa relação dialética espaço tempo as formas urbanas que se produziram dessa relação nesse longo período de História. Mas ao falar de tempo não podemos deixar de considerar o que signifique e quais foram os seus significantes.

Carlos Fuentes (Tempo Mexicano, 1989, p 9) escreve: “Entre nós, não há um só tempo: todos os tempos estão vivos, todos os passados são presentes. Nosso tempo se nos apresenta impuro, carregando de agonias resistentes. A batalha é dupla: lutamos contra um tempo que, também, se diverte conosco, se reverte desde nós, se inverte em nós, se subverte desde nós, se converte em nome nosso”. Me aproprio dessa maravilha descrição do tempo mexicano e assumi-lo vejo todos esses tempos se realizarem em espaços e em especial nos espaços urbanos.

Essa relação antes descrita pressupõe um conteúdo cultural pleno, que inclui e define relações econômicas, políticas, sociais, espirituais e demais de uma sociedade. “A cultura é, nas palavras de Lewis Mumford, tanto o cuidado da terra e a apropriação disciplinada da energia capaz de dar satisfação econômica às necessidades de homem como “o cultivo das mais plenas capacidades de cada ser humano enquanto a personalidade sensível, sensitiva pensante e atuante; cultura é transmissão do poder em política, da experiência em ciência e filosofia da vida na unidade e significado da arte...” (The culture of cities”, citado por Fuentes, C, op. cit. Pág 55.) Continua Fuentes, “Cultura, por isso é o processo da progressiva autoliberação do homem. Linguagem, arte, religião, ciências são fases diversas que descobrem e comprovam um novo poder: o poder de construir um mundo próprio...” (Ernest Cassirer, Essay on Man).

Com essa bagagem de construir “seu mundo próprio” qual foi o mundo urbano que encontraram os europeus no século XV?

“Aquí tenochas aprendereis como empezó la renombrada, la gran ciudad, la gran ciudad, México- Tenochtitlán, en medio del agua, en el tular, en el canaveral, donde vivimos, donde nacimos, nosotros los tenochcas”. É citando este parágrafo tomando das crônicas Mexicana- Yotl, escritos astecas anteriores à conquista- vamos a ver que o espaço urbano da América é mais antigo do que 500 anos. A consciência desse espaço- expressada no discurso de um anônimo chefe ou talvez imperador dos povos Aztecas- nos manifestam alguns elementos importantes:

1. A consciência que esse novo povo tinha de pertencer uma grande cidade.
2. Histórica e psicologicamente a consciência do espaço é a primeira consciência do homem. Antes do tempo, e antes mesmo da origem, configurava-se como uma ordem imanente.
3. A “experiência espaço”, entendida como o “lugar”... “porção de superfície terrestre identificada por um nome” (Bettanini, T. P. 982, P. 17). Lugar esse onde se manifesta a realidade da vida cotidiana, lugar que “sua posição privilegiada autoriza a dar-lhe a designação de realidade predominante”. (Berger, PELUCKMAN, Th., 1974, p. 39). Essa realidade que se apresenta como um mundo intersubjetivo, na qual se participa com outros homens e a qual adquire as suas significações.

Embora a realidade indígena fosse um mundo predominantemente rural, as cidades na chamada “América Hispânica” – Tenochtitlán, Cuzco e algumas outras menores – representavam sobretudo uma enorme manifestação do que era o “Weltenshauung” das sociedades arcaicas, o espaço da religiosidade do “hominis religiosus”. Esta concepção de mundo todas as construções – todas as experiências – se realizam no âmbito do espaço como os quais se relaciona (espaço de caça, de pesca, a construção de casa, aldeia) todos os atos de sua vida cotidiana (alimentar-se, dançar, procriar) são **espaços e atos consagrados ab initio por uma hierofania**”. (Laganá, L., 1985, p 3).

Continua a autora citada; “Para as populações primitivas, o espaço não se apresenta como homogêneo, mas sofre uma ruptura, em lugar determinado por uma **hierofania** que irá efetuar uma diferença entre espaço sagrado e espaço profano, entre Cosmos e Caos”. Com essa visão as cidades pré- colombianas da América são a materialidade do estabelecimento de uma ordem, de uma realidade com significação sagrada.

A estrutura de México – Tenochtitlán, de Cuzco- por mencionar as mais importantes- tinham na sua ordem uma espacialização onde o sagrado constitui a diferenciação onde o sagrado constitui a diferenciação na homogeneidade do espaço. Nas construções de seus monumentos- os templos a Quetzalcóatl, a pirâmide da lua, havia uma hierarquização do espaço para o religioso. Neles sempre existiam amplos pátios para a realização dos ritos religiosos e a instalação de mercados ao ar livre. Nesses recintos sagrados só tinham acesso os nobres e os governantes com uma orientação seguindo a saída e entrada do sol para completar os aspectos cosmogônicos e agrícolas. Em geral a pirâmide significava a comunicação com o céu. O núcleo central religioso dessas cidades transforma-se no Achais Mundi ou seja no centro do mundo, desse seu mundo construído e produzindo a partir das suas práticas sociais.

Bettanini escreve a respeito: “O problema de uma simbologia espacial- que o espaço mítico imediatamente denota- nasce da necessidade de descobrir, de reconstruir, no interior do mundo contemporânea, a trama de valores que preenchem o espaço da vida cotidiana”. (1982. P 92).

Há uma divisão do espaço urbano entre o religioso e o profano, entre o puro e o impuro.

Mas até o século XVII, só existiu o espaço urbano produzido pela conquista e ocupação das nações ibéricas. França, Inglaterra e Holanda entram no processo nesse século. De todas as maneiras as situações são diferentes e é muito arriscado fazer generalizações numa extensão espacial e temporal tão grande.

Os espanhóis acochegaram à América Central e Meridional encontram impérios ricos e desenvolvidos mas incapazes de resistir aos conquistadores. Cortez no México e Pizarro no Peru ocupam e destroem as grandes cidades que encontram. Fazem as reformas segundo as necessidades e a bagagem cultural dos colonos espanhóis, destroem os conjuntos habitacionais originais esparsos no território, e abrigam as populações a se estabelecerem em novas cidades mais compactas. Inicia-se assim a essência de toda a relação espaço-temporal da urbanização latino-americana: a contradição, o conflito, o choque entre o europeu e o indígena. Cortez e Pizarro quando destroem as cidades que encontram, o fazem ante tudo pela grande significação simbólica que elas possuem e porque uma nova concepção do mundo deve ser implantada. Tenochtitlán devia dar espaço à Capital hispânica de Nueva Espanha, ou Espanha das Índias.

As novas cidades deviam ter um modelo uniforme, definido por um código de Felipe II de 1573 que é a primeira lei urbanística da modernidade europeia implantada e transplantada à América.

O modelo uniforme de tabuleiro com ruas retilíneas que definem os quarteirões (lãs manzanas, palavra que vem de uma medida catalã a maca) iguais, em geral quadrados com 100 de lado. Partindo todos da praça principal que em geral abrange 4 quarteirões unidos e onde se localizam a igreja, o cabildo (paco municipal) as casas dos mercadores e os colonos mais ligados à hierarquia do conquistador primeiro, aos mais ricos, ao longo do tempo. As regulamentações do código tem todas as exigências de como deviam ser as novas cidades:

“A praça central deve estar no centro da cidade, de forma oblonga, com o comprimento igual ao menos a uma vez e meia sua largura, pois esta proporção é a melhor para as festas onde se usam cavalo e outras celebrações... O tamanho da praça será proporcional ao número de habitantes, tendo presente que as cidades das Índias, sendo novas, estão sujeitas a crescer; e a entender-se justamente que irão crescer. Por isso a praça deve ser projetada com relação ao possível crescimento da cidade. Não deve ter menos de 200 pés de largura, e 300 de comprimento, nem mais de 500 pés de largura e mais de 800 de comprimento”.

“Os lotes edificáveis ao redor da praça principal não devem ser concedidos a particulares, mas reservados para a igreja, os edifícios reais e municipais, as lojas e as moradias dos mercadores que devem ser construídas em primeiro lugar... a igreja separada dos outros edifícios de modo a ser vista de toda

parte; dessa forma resultará mais bela e imponente. Deverá estar um tanto surgida do solo, de maneira que as pessoas tenham que subir uma série de degraus para alcançar sua entrada. O hospital dos pobres onde estado os doentes não contagiosos será construído no lado norte, de modo resultar exposto ao sul”.

“O restantes lotes edificáveis serão distribuídos ao acaso para aqueles colonos que estejam capacitados a construir ao redor da praça principal. Os lotes não atribuídos devem ser conservados para os colonos que poderão chegar futuramente...”

Embora com dispositivos de ordem real, a maioria das cidades forma implantada como fortalezas com significantes formas jurídicas e físicas para a prática da conquista.

No México onde há uma grande população que é necessário catequizar, a igreja possui um grande pátio de entrada e do lado da fachada há uma capela aberta (capilla de índios), para celebrar a missa ao ar livre em dias de festas.

Toda sociedade quando chega para conquistar impõe uma nova ordem, resultante de uma hierarquia diferente complexa e imbricada. A própria concepção de conquista tem um significado de práxis, modo de dominação por meio de armas. Há um novo Deus a impor e a Cruz e a Espada farão esse caminho.

O espanhol e os portugueses ao conquistarem as novas terras se apossaram, em nome de Cristo dos territórios que pertenciam a outros deuses. A criação da Cruz consagrava a religião que significava um “novo nascimento “através de Cristo” terminou a velha ordem, eis que tudo se tornou novo. As novas cidades- símbolo da conquista e ocupação- seriam renovadas, recriadas por meio da Cruz”.

A estrutura urbana deste período, a noção do espaço percebido representa a nova hierarquia social. A catedral – a igreja – integra nas suas dimensões os elementos cosmológicos que existiam nos monumentos anteriores. Agora elas são o centro do mundo e por elas se estabelece o caminho para o céu.

A cidade colonial da América Ibérica se apresenta com todos os rasgos das bases culturais que as construíram. Os centros, do plano de tabuleiro, onde se concentram o poder religioso, o poder político e o econômico, apresentam uma arquitetura clássica transformada pela arte nativa. Nas áreas de antiga tradição artística, México, América Central, Peru, possuem magníficas mostras desta mistura, onde o clássico está transformando pela interpretação livre dos artistas locais.

As moradias, em geral de casas térreas, são amplas e simples com o material que se dispõe e onde também é marcante a formação cultural da população autóctone.

Sobre antigos sítios urbanos, de bem escolhida localização geográfica os conquistadores com frequência se reinstalam a reconstruam “novas - velhas” cidades sob os parâmetros da conquista Tlaxcala, Cholula, Bogotá, Huamanga, Quito e especialmente México e Cuzco.

Sob o signo da Cruz e da Espada apagaram os conquistadores os vestígios das antigas culturas urbanas, convencidos como estavam que era justo fazê-lo com os enfeites. Em algumas como na região leste Brasil, Rio de la Prata não tiveram grandes obstáculos para destruir; nas outras, o alto nível das culturas com que se defrontaram os deixaram assombrados. De todas maneiras giram como se encontrassem com uma terra deserta, sem vestígios, culturalmente vazia; na qual deviam implantar suas exigências, necessidades, “reduzi-la a seu sistema cultural pela via da catequese religiosa” (Romero, 1976, p 12).

Embora os desígnios do Império Português não respondessem fielmente ao paradigma traçado para América hispânica, em muitos momentos podemos afirmar que se encontraram. Nesse processo de urbanização que estamos querendo traçar, a rede de cidades devia criar um espaço urbano europeu, católico, expressão de um império colonial, é dizer um mundo dependente, periferia de uma realidade metropolitana, que não tinha identidade própria. O espaço dessas cidades desse mundo colonial deviam assegurar a dependência e instrumentalização das exigências superiores da metrópole. O resultado dessa ideologia, dessa visão de mundo (Waltenshauung), deixaram de herança para América Latina uma realidade social e cultural caótica.

Realidade caótica porque deixaram de cumprir o papel para a qual haviam sido fundadas- assegurar a homogeneidade e a dependência do mundo colonial – e começaram a ter função própria simbologias, e seus próprios significantes nesse novo mundo criado. Deixaram de ser pouco a pouco dos modelos ibéricos, até os nomes eram iguais (Nueva Espanha, Nueva Granada, Córdoba, etc.) para tomar seus caracteres particulares.

Esta fase começa a superar-se quando a América entra na estrutura sócio-econômica do mundo capitalista, mercantil e burguês. Nesse momento há uma consciência real do que eram as cidades americanas. Da cidade formal da época de fundação em especial para a América Hispânica e da ata e o escrivão, da espada e a cruz – eram apenas encançadas cidades, pequenas e miseráveis com poucos vizinhos e muita insegurança. Pequenas e miseráveis as cidades assim como as regiões agrícolas que comandavam. Ex São Paulo. Buenos Aires.

Essa cidade real que se formou da realidade vivida nestas terras da América, teve seu espaço, produzido e organizado pelos que ficaram, que construíram suas casas em taipa, encançadas como as descritas por Saint Hilaire para São Paulo. Os que não tinham moravam em alheias e se formaram as consagradas periferias marginalizadas, mas que quotidianamente lutavam por um trabalho, pelas ruas empoeiradas, enlameadas, pelas praças, por fazer desses povoados realmente cidades, descobrindo que possuíam uma sociedade urbana constituída de espanhóis e criolhos, ou portugueses, índios, mestiços, mamelucos, negros, mulatos e zambos, todos unidos – a pesar da hierarquia –

e que tinham uma história já de varias gerações que deviam assumir. Uma história comprometida com uma sociedade urbana que comandava os processo de decisão e que cada vez mais se contrapunha ao principio fundador: a **utopia** de uma **sociedade homogênea**, de uma cidade homogênea.

Há uma nova organização territorial das cidades latino- americanas, internamente regionalmente já a partir dos finais do século XVIII, em consequência da participação no sistema econômico no sistema econômico imperial. É o momento das cidades produto da mineração, do cultivo da cana, dos elementos que são valorizados na Europa. É o espaço do comércio do entreposto, das famosas “bacias de drenagem” de América a Europa.

## **O ESPAÇO URBANO A PARTIR DO SÉCULO XIX**

O impacto do capitalismo mercantil mundial as dividiu frontalmente entre aquelas que continuaram no processo e aquelas que continuaram sendo cidades fechadas do sistema colonial indo a formar parte das cidades estagnadas.

As primeiras, não já sob a cruz e a espada mas agora com uma nova simbologia, uma nova religiosidade, o do mercado – começam a sofrer grandes transformações.

“O novo ensaio social, econômico, político e cultural que começou com a Independência mobilizou as áreas rurais, mais repercutiu fundamentalmente sobre as cidades. As burguesias que aceitaram o desafio de produzir uma mudança profunda na estrutura da área que controlavam as cidades, submeteram em alguma medida seus próprios interesses aos interesses comuns, se somaram a suas filas as novíssimas elites criadas pelo acesso de grupos rurais, e juntas assumiram a missão de dar-lhe um projeto político e uma orientação ao conjunto social”. (Romero, op. cit., p. 18). Assim nasce a classe dos patrícios (para América hispânica) preocupando com o destino da nação e fazendo das cidades em especial da capital agora da nação, o produto dos novos papéis que elas tem que assumir.

Com esses novos processos desenvolvendo-se as cidades Latino americanas tomaram rumos diferentes.

As que ficaram á margem do processo econômico e social, iam vendo cada vez mais sua população diminuir. Muitos se engajavam nas frentes agrícolas que o mercado internacional exigia, muitos iam ás cidades, - a capital – a participar das novas exigências do mundo internacional. As cidades sofriam dois processos espaciais num mesmo momento: uma estruturarão interna para aceitar seu papel regional; uma estruturarão de influencia externa para adaptar-se a participação no mercado internacional.

O espaço urbano ia entrando na modernidade, ou seja a época da penetração –em escalas – de técnicas que fariam do Rio de Janeiro em primeiro lugar, Buenos Aires, Montevideú, Havana, México, São Paulo e outras,

paulatinamente consideradas metrópoles importantes. Se intensifica o processo de desenvolvimento interno do país juntamente nas suas principais cidades onde mais se faz sentir. Ao final do século XIX novos fatores sociais e culturais somam-se aos existentes: abertura de América às migrações européias. Norme contingente de populações de diversas nacionalidades fazem desde Canadá, E. U. Até o Uruguai e a Argentina sua nova pátria.

“Os elementos o Mundo concreto vivenciado pelo imigrante antes de partir são elevadas a símbolos, idealização de um mundo que nada mais tem a ver com a realidade”.

A chegada á nova terra fará com que o migrante esqueça as coisas negativas que deixou na antiga pátria e recrie os elementos positivos que guarda na sua memória. Cria o novo mundo com aquelas imagens que darão visibilidade á suas lembradas. As cidades da América, Nova York, Rio, Soa Paulo, Buenos Aires, Montevidéu, Santiago, etc., verão surgir bairros em que cada nacionalidade reproduz o seu espaço particularizado.

Embora viessem como mão-de-obra para trabalho agrário, uma grande parcela ficou nas cidades – artesãos operários, motoneiros e outras, criando novos bairros de atividades e de moradias. Delimitam-se os espaços segregados e os famosos “cortiços” do Rio de Janeiro e os “Conventilhos” de Buenos Aires, igualmente em Montevidéu, Nueva York, etc. Residência das populações de menor poder aquisitivo que tinha que habitar na cidade. O impacto desta nova situação sócio- espacial foi tão grande que chegou a ser tema literário em grandes números de obras.

Também a sua cultura assimilará aquela que encontrará trazendo novos elementos á urbanização já não mais latino- americana, mas agora sim americana em geral.

Com eles e pela integração na economia internacional, as cidades reservam novos espaços agora para produção industrial. Enormes bairros e quarteirões daquela velha planta de tabuleiro de xadrez, feitos para quando a cidade crescesse, estão agora ocupados com novas funções: um comércio intenso e ativos para uma maior quantidade de população. Quarteirões especializados em serviços a atividade exigidas pela gestão do capital nacional e internacional.

O espaço agora já não é mais “concedido” por Cartas Reais. O espaço, especialmente agrário mas também o urbano por leis e decretos, torna-se mercadoria. Se compra e se vende e se tem aceso a ele segundo o poder econômico.

A crise de 1929-30 precipita as mudanças. As migrações internacionais se limitaram, só voltaram a ter um certo significado após a 2da Guerra Mundial, mas não mais com a magnitude e característica que teve até a década de 1930.

Agora, nova parcela da população irrompe nas cidades: são imigrantes nacionais vindos de áreas rurais ou de cidades menores em busca de melhores condições de vida na capital ou nas grandes cidades. Há uma necessidade exigida pelo capital – de trazer mão-de-obra à cidade ao mesmo tempo, simultaneamente – uma ideologia constando as qualidades da vida nas cidades grandes anonimato, facilidade de emprego, riqueza rápida, reino de liberdade e da felicidade, âmbito da culturas e da intelectualidade. O processo de metropolização acelerando-se e abrangendo cada vez maiores áreas.

Conturbando pequenas cidades ou povoados vizinhos, formam-se as grandes metrópoles, primeiro as da América Anglo-saxa às de América Latina.

Com os migrantes nacionais se desenvolvem formas diferentes de moradia: a triste realidade da favela, villa miséria, rancheria, barriadas conotações diferentes segundo idioma do país- proliferam nas cidades.

O espaço metropolitano toma novos valores. Como a mercadoria sofre toda as situações da produção de qualquer mercadoria: é ideologizada e ao mesmo tempo um fetiche. O solo metropolitano se torna palco de especulação imobiliária e de reserva de valor. A localização, o bairro, a moradia, a infraestrutura, enfim, o espaço urbano é motivo de uma exiologia do poder e do consumo.

O sistema capitalista de produção do espaço urbano inventa sua própria para responder as necessidades desse capital, no social e no coletivo, com uma série de objetos signo sistematizáveis para incentivar o consumo. Criam-se signos de uma lógica funcional dos valorais de uso e uma lógica funcional dos valores de uso e uma lógica funcional dos valores de troca do solo urbano como da cidade como uma totalidade.

O bairro, a moradia, o escritório, o consultório, são signos de mobilidade social, de status, da moda, do traço cultural, de argumentos psicológicos, da segurança, enfim de uma série de simbolismos com uma alta cara de simbolismos com uma alta carga de ideológica que fazem do espaço urbano entrar na lei da oferta e da demanda.

As cidades se tornam segregadas e ao mesmo tempo de formam as grandes periferias metropolitanas. Periferias que não tem só um conteúdo geográfico mais sobretudo.

As enormes ares suburbanas refletem hoje toda a crise econômica e política que vivem as economias nacionais. Ao mesmo tempo vivem a dialética de contrastar totalmente como os bairros centrais. Os bairros do centro são espaço da modernidade. A área suburbana, como seu nome o indica abaixo do urbano- ainda espera que as condições de vida moderna lhe cheguem materializadas em infraestrutura de serviços.

“O consumo na qualidade do novo mito tribal transformou-se na moral do mundo contemporâneo. Encaminha-se para a destruição das bases do ser



humano, isto é, do equilíbrio que desde os gregos, o pensamento europeu manteve entre raízes mitológicas e o mundo dos “logos”.

Continua Baudrillard: “Da mesma maneira que a sociedade de Idade Média se equilibrava em Deus e no Diabo, assim a nossa se equilibra no consumo e na sua denuncia. Em torno do Diabo era ainda possível organizar herensias e seitas de magia negra. Mas, a magia que temos é branca, e não possível qualquer herensia na abundância...”

Esse novo deus estrutura o espaço urbano. Aprecem as novas catedrais do consumo: os shopping centers, os hipermercados, as ruas da moda.

Ao mesmo tempo, produzem-se os condomínios fechados de mansões ou de apartamentos, para dar moradia aos sacerdotes.

## **BIBLIOGRAFIA**

AYMONINO, Carlo.- “O significado das Cidades”. Coleção Dimensões. Ed. Presença, Lisboa, 1984.

BAUFRILLARD, Jean.- “A sociedade de Consumo”. Edições 70, Lisboa, 1991.

BENEVOLO, Leonardo.- “História da Cidade”, Perspectivas, SP, 1983.

BERGER, P. e Luckmann. Th. “A construção Social da Realidade” Vozes, Petrópolis, 1974.

BETANNI, Tonino.- “Espaço e Ciências Humanas”, Paz e Terra, RJ, 1982.

FUENTES, Carlos.- “Tiempo mexicano”. Cuadernos de Joaquim Mortiz, México, 4ª edición, 1989.

LAGANA, Lilianan.- “O Profano e o Sagrado na Percepção do Espaço”. Conferencia Realizada na Univ. Estadual de Londrina, 23/05/86.

ROMERO, José Luis.- “Latinoamericana: Las Ciudades y las Ideas”. Siglo Veintiuno Editores, Buenos Aires, 1974.

VARIOS, “1942- 1992: La Interminable Conquista. Emancipación e Identidad de América Latina”. Joaquim Mortiz/Planeta, México, 1990.